

FOS DESAFIOS DE EDUCAR E ALFABETIZAR NO MUNDO ATUAL: UMA ANÁLISE DE LIVES DO CANAL DE YOUTUBE LASEA — LABORATÓRIO SERTÃO DAS ÁGUAS

Beatriz Chaves Messias¹

Eixo temático: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo: O presente artigo busca trazer uma análise a respeito de duas *lives* realizadas no canal de YouTube LASEA — O canal que pulsa a vida docente, produto do Laboratório de pesquisa Sertão das Águas, da Universidade Federal do Pará. A discussão sobre as *lives*, cujos enfoques são alfabetização na pandemia e educação de jovens e adultos, tencionam, com auxílio de suporte teórico, levantar questionamentos e provocações acerca dos desafios e das novas maneiras de pensar alfabetização e educação na atualidade, em nossos contextos sociais, políticos e tecnológicos.

Palavras-chaves: Educação; Alfabetização; Youtube; LIVES; Pesquisa-educação.

1. Introdução

“Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo”. É com essa frase de FREIRE, em seu livro “Pedagogia da Autonomia” (2011), que iniciamos este trabalho, pautado nos desafios e processos evolutivos a que os professores precisam atravessar em suas trajetórias pela educação.

A geração deste artigo pautou-se na análise de duas *lives* promovidas pelo canal do Youtube “LASEA — O canal que pulsa a vida docente”. O canal pertence ao grupo de pesquisa “Laboratório Sertão das Águas: alfabetização, escrita, literatura, formação e trabalho docente”, situado na Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenado pela Prof^a. A Dra. Elizabeth Orofino, cujo enfoque na pesquisa é a investigação da alfabetização na cidade de Belém do Grão-Pará, sob a perspectiva discursiva e das práticas alfabetizadoras, além de contribuir para a formação de pesquisadores no campo da alfabetização.

O grupo foi fundado em 2017; no entanto, seu canal no YouTube surgiu apenas em 2021, em grande parte devido ao contexto pandêmico e à impossibilidade de realizar encontros e eventos presenciais. O canal realizou os primeiros encontros online da Associação Brasileira de Alfabetização (ABALF) — Norte, e diversas *lives*, com professores e pesquisadores ao redor do país, nas temáticas de educação e alfabetização; entre elas as duas analisadas neste artigo, intituladas: “Professoras alfabetizadoras carregando Leitura e Escrita na peneira no contexto da pandemia” e “Educação de jovens e adultos: entre avanços e retrocessos”.

É pertinente apontar que, embora possuam temas divergentes, as duas *lives* se entrelaçam no ponto em que tocam na vivência desafiadora de ensinar nos dias de hoje: seja devido aos avanços tecnológicos, os entraves causados pela pandemia, e as dificuldades socioculturais no trabalho de educar jovens, adultos e idosos em nosso país. Desse modo, neste artigo, analisaremos ambas, utilizando-se de aporte teórico para discutir seus pontos

¹ Graduanda em Licenciatura em Letras — Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, mestranda no programa de Mestrado Profissional PPGCIMES/UFPA, membro do Coletivo Encantados/GEPASEA e integrante do Laboratório Sertão das Águas: alfabetização, leitura, escrita, literatura cibercultura, formação e trabalho docente, do grupo de estudos e pesquisa GEPASEA (CNPQ).

mais importantes, e ao final, abrir uma discussão acerca de seus impactos e sua relevância para pensar e (re)pensar a educação e alfabetização nos dias de hoje.

2. O alfabetizar e educar no século XXI: contexto, sociedade e cultura

Em tempos de Cibercultura (LEVY, 1999) muitos profissionais da educação ainda relutam, ou relutavam, em introduzir recursos tecnológicos entre livros e lousas na sala de aula. Isso mudou — e têm mudado —, entretanto, com a ocorrência da pandemia do Covid-19, período em que surgiu uma reestruturação no modelo educacional, sendo a maior mudança a transferência de turmas presenciais para aulas online, em plataformas como *Zoom*, *Meet*, entre outras.

E é sobre esse tema que a *live* “Professoras alfabetizadoras carregando Leitura e Escrita na Peneira no contexto da pandemia”, discorre. Tendo como mediadora a Prof^a. Dra. Regina Aparecida Marques, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS/ CPTL); e como convidadas as professoras Elizabeth Orofino Lucio (UFPA) e Maria do Socorro Nunes Macedo (Universidade Federal de São João Del Rei - UFSJ),, o debate em pauta foram os desafios de se educar em tempos de pandemia.

Antes de adentrar esse debate, entretanto, é interessante destacar que o título “carregando Leitura e Escrita na Peneira”, faz referência ao famoso poema de Manoel de Barros, “O menino que carregava água na peneira”, no qual o poeta discorre sobre a importância de se dedicar às coisas “desimportantes”; tais como arte, poesia, literatura, e, no caso do referenciado pelas professoras, educação.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
De uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
Gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios eram maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino,
Que era cismado e esquisito,
Porque gostava de carregar água na peneira,
Com o tempo descobriu que
Escrever seria o mesmo
Que carregar água na peneira. (BARROS, Manoel de; 1999).

E o que seria essa educação “na peneira”? Ora, as professoras, em sua emocionante discussão na *live*, falam de como foi lutar contra a maré nesse período tão conturbado não só para a educação, mas para o mundo como um todo. A professora Maria do Socorro inicia sua fala apontando seus saldos positivos em meio a uma época difícil: a criação de seu coletivo Alfa-rede, pautado especificamente no estudo da alfabetização na pandemia — o único até então. Desse coletivo, veio a oportunidade de dialogar com diversas professoras alfabetizadoras ao redor do país, possibilitando ainda a criação do livro “Retratos da Alfabetização da pandemia do Covid-19”, produzido inteiramente pelo grupo.

Tudo isso nos leva a crer que as condições da educação devem ser adaptáveis e moldáveis de acordo com as circunstâncias em que o mundo se encontra — e ele está sempre em constante mudança. “O mundo encurta, o tempo se dilui: o ontem vira agora; o amanhã já está feito. Tudo muito rápido.”, como diz FREIRE (2011). E isso nos leva ao próximo tema conduzido pelas professoras na *live*: como está se dando o retorno ao presencial?”

Com isso a palavra se transfere à professora Elizabeth Orofino, que passa a discorrer sobre mudanças significativas que se desenvolveram ao longo da pandemia, tais como o maior uso da ferramenta WhatsApp para se conectar às famílias dos discentes. A professora aponta que, embora os benefícios trazidos pelas tecnologias tenham facilitado o processo, é preciso ainda pensar em estratégias para incluir todos na cultura letrada, inclusive aqueles que possuem acesso precário e restrito à internet, tais como: ribeirinhos, quilombolas, indígenas. SANTOS (2005, p.25), ao discorrer sobre a abordagem sociocultural, enfatiza que “A educação é vista como um ato político, que deve provocar e criar condições para que se desenvolva uma atitude de reflexão crítica, comprometida com a sociedade e sua cultura”. . E é isso que a professora Elizabeth Orofino nos propõe a pensar: como esse novo cenário educacional se encaixa nas muitas pluralidades de alunos, contextos sociais e culturais?

Nesse ponto, a *live* recebe mais duas convidadas: a professora alfabetizadora Vera Lúcia, da Secretaria Municipal de Educação de Corumbá — MS, e a professora alfabetizadora Nádia Pantoja, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Pará. Ambas trazem tópicos muito interessantes à discussão, entre eles, o uso de ferramentas tecnológicas que se agregaram — e continuam se agregando, no atual período pós pandêmico — ao contexto da educação e das escolas, como o Google Drive, os Calendários Virtuais; e claro, os grupos de WhatsApp representando as turmas de professores e alunos, sobre os quais a professora Vera Lúcia fez um comentário muito interessante, ao dizer que nestes os alunos reproduziam um comportamento parecido ao de uma aula no contexto presencial: “me senti dentro de uma sala de aula”, afirmou a professora Vera.

Tudo isto nos leva a concluir que um dos papéis dos professores, educadores e alfabetizadores, diante da realidade que se estende hoje, é utilizar os ambientes virtuais da maneira mais proveitosa possível, e fazê-los os mais próximos de uma sala de aula física, quando esta se torna inviável. Como diz MORAIS et al (2017, p. 223).

[...] Ou seja, primeiro o educador precisa ter um objetivo pedagógico, e, a partir daí, escolhe uma tecnologia que seja mais eficaz para atingir o objetivo do que seria possível para o educador sem a tecnologia.

Antes, então, de chegarmos a conclusões acerca da pauta da *live* acima discutida, prosseguiremos para a próxima *live* analisada, intitulada “Educações de jovens e adultos: entre avanços e retrocessos”. Esta, que teve a professora Elizabeth Orofino como mediadora, e a professora Maria José Barbosa, da Universidade Federal do Ceará (UFC) como convidada, discorre sobre um tema distinto da alfabetização na pandemia, mas igualmente desafiador: o processo educacional em sujeitos jovens, adultos e idosos, grupos estes muitas vezes negligenciados e pouco debatidos quando se trata da pauta alfabetização.

A professora Maria José, cujo aprofundamento na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) é vasto, faz um recorte importantíssimo sobre a evolução da pauta no Brasil, iniciando desde o contexto colonial, passando pela primeira campanha em favor da educação para adultos, em 1947, pelo surgimento da perspectiva freiriana nos anos 50, à Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNGA) — cuja conotação negativa do nome é criticada pela professora —, à chegada do supletivo e a “esperança dos anos 90”, até finalmente chegarmos às “realizações do século XXI”, com a criação efetiva do EJA e sua inserção no Ministério da Educação (MEC), além de outras marcantes novas políticas educacionais, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).

Todas essas políticas, embora ainda estejam inseridas em um caminho de constante evolução, mostram, segundo a professora Maria José, que a discussão acerca da educação de grupos de jovens e adultos vêm sendo — como merece — levada mais a sério; afinal, em

um país como o Brasil, boa parte da população não tem a oportunidade de se alfabetizar ainda no período da infância, e o alfabetizar em idades mais maduras deve ser tratado com igual importância. Como aponta FREIRE (2011, p.61):

Se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação.

No entanto, assim como na *live* acerca da alfabetização na pandemia, a professora Maria José — ou Mazé, como é carinhosamente chamada ao longo da transmissão — nos evidencia um problema comum a todos os grupos etários no contexto brasileiro: a questão da desigualdade socioeconômica. Essa questão, já presente em alunos em idade de ensino infantil, torna-se ainda mais gritante entre jovens e adultos, pois grande parte deles, em especial os que vivem em situação de grande vulnerabilidade social, precisam dividir estudo e trabalho, cenário em que muitas vezes o trabalho se torna prioridade, pela urgência em sobreviver com dignidade. Como solucionar esse problema? Segundo MORAIS et al (2017, p.225) “Os problemas da escola são da comunidade, e os da comunidade são da escola.” Poderia uma sociedade avançar sem o avanço da educação? E, se a resposta é negativa, não deve o estado e município trabalhar em conjunto para auxiliar o acesso à educação em diferentes espaços e contextos? O que a professora Mazé propõe, a princípio, é possibilitar a Educação à distância (EaD) para diferentes tipos de comunidade, espelhando o que a professora Orofino apontou na outra *live* analisada, ao mencionar os grupos ribeirinhos, indígenas e quilombolas.

Muitas das soluções, entretanto, permanecem em aberto, pois a intenção das *lives* é justamente debater, provocar e despertar pensamentos e reflexões acerca de tantos desafios que ainda permeiam este processo tão importante que é alfabetizar. Assim, no próximo segmento deste artigo, serão discutidos os pontos em comum entre as duas *lives*, bem como suas contribuições para os campos em que se propõe pesquisar.

3. Resultados e discussão

OLIVEIRA (2003, p.41) nos diz que “Os *contratos de comunicação* variam no tempo e no espaço, isto é, cada conjunto de contratos é próprio de uma dada cultura em determinada época”. É interessante pensar que, devido a tantas mudanças que experienciamos nos últimos anos, a tecnologia, e especial a *internet*, se tornaram um contrato de comunicação, intelectual e social, protagonistas em nossa vida — e isso inclui, é claro, as *lives* transmitidas na plataforma YouTube, como as que analisamos no presente trabalho.

A partir de minha observação e análise desses conteúdos, juntamente à base teórica utilizada para fundamentar este artigo, muitas reflexões me vieram; em especial, a que levantei na introdução deste trabalho: o entrelaçamento entre os temas. Ambos, que à primeira vista parecem distintos, se encontram em muitos pontos pelo caminho, entre eles: dificuldades socioeconômicas e culturais no ato de alfabetizar e educar, a dificuldade do acesso aos grupos marginalizados, e, em especial, um ponto ainda mais central que os anteriores: o papel do professor em tudo isso. Este, que como aponta BODERNAVE (1984, pp. 42-3, *apud* SANTOS, 2005, p.24) “não é de autoridade superior, mas de facilitador da aprendizagem em que ele também é aprendiz”.

É importante ressaltar as grandes contribuições que grupos de pesquisa com foco em educação e alfabetização têm trazido para enriquecer essas discussões, entre eles, evidentemente, o laboratório LASEA, que além de levantar essas questões, nos traz à luz

outros grupos, professores e pesquisadores que se aprofundam no assunto, conectando-os através desse novo cenário estranho, porém potencialmente benéfico, que é a tecnologia.

As *lives* aqui apresentadas, creio eu, levantaram mais perguntas que respostas. Mas também acredito que os questionamentos são o que há de mais valioso em nosso meio educacional, pois motivam novas iniciativas, movem novas ideias e projetos, contribuindo para novos avanços, rumo — esperamos todos — a uma educação cada vez mais inclusiva, mais ativa, e geradora de novos e belos frutos.

4. Considerações finais

Trabalhar com alfabetização não é tarefa fácil, e todos nós, que vivemos neste propósito, já damos o primeiro passo sabendo disso. Mas, de passo em passo, ultrapassamos um obstáculo por vez, e, mesmo que novos surjam, ainda assim somos capazes de superá-los, e até mesmo de transformá-los em ferramentas auxiliaadoras para nosso trabalho — como observamos neste artigo, a partir do exemplo da pandemia e das mudanças que esta trouxe para o cenário educador.

É preciso discutir. Pensar. Repensar, questionar, agir, e tentar de novo. Pois não há legado mais bonito ou de maior responsabilidade do que a educação. Encerro, portanto, este artigo, com uma provocação advinda dos pensamentos de Airton Krenak (2019, p. 68):

Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para as gerações futuras? O.k, você vive falando de outro mundo, mas já se perguntou para as gerações futuras se o mundo que está deixando é o que elas querem? A maioria de nós não vai estar aqui quando a encomenda chegar [...]

5. Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

KRENAK, Airton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LASEA — Elizabeth Orofino. **Professoras alfabetizadoras carregando Leitura e Escrita na peneira no contexto da pandemia**. Youtube, 18/11/2022. Disponível em: [\(381\) Professoras Alfabetizadoras carregando Leitura e Escrita na peneira no contexto da pandemia - YouTube](#)

LASEA — Elizabeth Orofino. **Educação de jovens e adultos: entre avanços e retrocessos**. Youtube, 14/05/2021. Disponível em: [\(381\) Educação de jovens e adultos: entre avanços e retrocessos. - YouTube](#)

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORAIS et al. **Metodologias Ativas de aprendizagem: elaboração de roteiros de estudos em “salas sem paredes”**. In: **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. São Paulo: Penso Editora Ltda, 2017.

OLIVEIRA, Ieda de. **O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2003.

SANTOS, Roberto Vatan dos. **Abordagens do processo de ensino e aprendizagem**. Revista integração, jan/fev/mar, 2055. Ano X, nº 40